

## **Práticas acadêmicas integradas e transdisciplinares em conexão com práticas socioculturais: textualizações metapragmáticas**

### ***Integrated and transdisciplinary academic practices in connection with sociocultural practices: metapragmatic textualizations***

Djane Antonucci Correa

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Paraná, Brasil

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é fazer uma reflexão atualizada sobre os estudos desenvolvidos no “Laboratório de estudos do texto” na Universidade Estadual de Ponta Grossa, como espaço que congrega discussões e registros de leitura e de escrita, enfatizando a relevância das práticas acadêmicas comprometidas com as práticas sociais. Para isso, ressalto a importância da Linguística Aplicada e da visão crítica da linguagem para entender contextos prévios que configuram os textos como atividade metapragmática e não sacralizada. Proponho também encaminhar propostas de metodologias e epistemologias de estudo que levem em conta o pensamento transdisciplinar como forma de conexão entre o conhecimento acadêmico e outros saberes, notadamente os oriundos de vozes periféricas. Dessas discussões, concluo que organizar, incentivar e expandir parcerias de estudos transdisciplinares integrados nos eixos da extensão, do ensino e da pesquisa pode dar maior suporte para esses trabalhos.

**Palavras-chave:** Linguagem; Práticas acadêmicas integradas; Transdisciplinaridade

**Abstract:** The aim of this work is to make an updated reflection on the studies developed in the “Text Studies Laboratory” at the State University of Ponta Grossa, as a space that brings together discussions and reading and writing records, emphasizing the relevance of academic practices committed to social practices. For this, I emphasize the importance of applied linguistics and a critical view of language to understand previous contexts that configure texts as a metapragmatic and non-sacred activity. I also propose to forward proposals for study methodologies and epistemologies that take into account transdisciplinary thinking as a way of connecting academic knowledge and other types of knowledge, especially those originating from peripheral voices. From these discussions, I conclude that organize, encourage and expand partnerships for transdisciplinary studies integrated in the axes of extension, teaching and research can provide greater support for these works.

**Keywords:** Language; Integrated academic practices; Transdisciplinarity



## 1 Introdução: para situar os trabalhos integrados

Ao retornar de um estágio pós-doutoral, realizado na Universidade Estadual do Ceará (PNPD-2017/2018), constatei que, não obstante o alcance dos objetivos do estudo (CORREA, 2017a, 2017b, 2018a), notadamente por meio da interação com professores pesquisadores e extensionistas que, por compartilharem interesses comuns, somaram e trouxeram avanços ao meu trabalho, concluído o relatório com os objetivos alcançados, era hora de partir em busca da consolidação desses avanços, por meio de caminhos que levassem a uma parceria mais sólida com a universidade que me recebeu, de modo que o fortalecimento das áreas de trabalho conduzisse à ampliação dos espaços de discussão e ação acerca desses trabalhos cujas afinidades são evidenciadas nos históricos e nas trajetórias das ações de cada um. Trata-se de dois programas de extensão: “Laboratório de estudos do texto” (LET-UEPG), coordenado por mim até o ano de 2017, e “Viva a palavra” (UECE), coordenado pela Profa. Dra. Claudiana Nogueira de Alencar.

Trabalhos desenvolvidos a partir de ações de extensão podem prover atividades de pesquisa e de ensino e ultrapassam os limites do conhecimento disciplinar e segmentado. Embora com notórios avanços, esses trabalhos não constituem práticas acadêmicas hegemônicas e não são incentivados de forma simétrica dentro das universidades e para além delas também. Os Programas de extensão, contextos em que tenho trabalhado, têm por especificidade ações integradas nos eixos da extensão, ensino e pesquisa (CORREA, 2019, 2021, no prelo, entre outros trabalhos anteriores). Essas ações movimentam as práticas acadêmicas desde a formulação dos Projetos Político-Pedagógicos (PPCs) da graduação até os níveis da pós-graduação, abalizados por práticas acadêmicas em conexão com práticas sociais e culturais, que consideram as desigualdades sociais, os limites tênues entre direitos e deveres no exercício da cidadania e o (des)entendimento acerca dos limites igualmente tênues entre as configurações da identidade e da diferença.

Norteadas por essa frente de trabalho integrado nos três eixos, da extensão, da pesquisa e do ensino, entre os anos de 2020/2021, em um ano sabático, os esforços foram movidos nessa direção, com o objetivo de consolidar essa parceria estabelecida nos três eixos, portanto, também entre o Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará — PosLa/UECE — e o Programa de Pós-graduação em

Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa — PPGEL durante a realização do supramencionado estágio Pós-doutoral. Desde então, temos pensado em propor ações conjuntas para agregar forças e expandi-las no sentido de discutir epistemologias e metodologias alternativas e integradas de pesquisa, extensão e ensino, que reúnam estudiosas/os interessadas/os em organizar melhor e registrar formas e propostas alternativas de trabalho de modo que estabeleçamos forças conjuntas entre os Programas de extensão “Viva a palavra”, “Laboratório de estudos do texto” e outros tantos trabalhos que vêm sendo realizados neste campo de ação, e, assim, envolvamos um número maior de acadêmicas e acadêmicos nas práticas de trabalho integrado, incluindo e considerando agora o trabalho remoto.

Afinal, na prestação de contas que os PPGs fazem anualmente à Coordenação de Aperfeiçoamento do Ensino Superior — CAPES — por meio dos relatórios, há quesitos que são condicionais para a manutenção dos Programas. Assim, já como objetivo conjunto, prevíamos a expansão das discussões entre estudiosas/os interessadas/os no impacto social da universidade pública por meio de conexões estabelecidas com educação básica e comunidades periféricas, principalmente as que se encontram em situação de vulnerabilidade.

Como venho ressaltando, nesses últimos anos, por meio da discussão e formulação de propostas metodológicas coletivas de trabalho, pude observar que a “consolidação” do trabalho integrado no LET, no Mestrado em Estudos da Linguagem e nos Cursos de Licenciatura em Letras é uma “tarefa” (BAUMAN, 2005; CORREA, 2014, 2017b, 2019, 2021 no prelo), portanto, é constante e, como tarefa, precisa ser constantemente revisitada e reformulada. Os egressos da graduação e da pós-graduação, assim como os acadêmicos em formação inicial, são agentes (DURANTI, 2004; CORREA, 2017b) nessa tarefa, juntamente com as professoras pesquisadoras formadoras, portanto os agenciamentos são entidades que têm algum grau de controle sobre seu comportamento e cujas ações afetam outras entidades.

Alguns meses atrás, ao elaborar o já mencionado projeto de estudos e o plano de trabalho, seria difícil vislumbrar que passaríamos por transformações cuja proporção ainda nos foge totalmente de qualquer poder de visualização, mas certamente as mudanças estão sendo muitas e ainda o serão. E é nesse contexto de inclusão, de reeducação e de realinhamento de novas práticas socioculturais, educacionais,

acadêmicas, políticas, entre outras, que a maioria das pessoas está desenvolvendo, ou tentando desenvolver, seus trabalhos e (sobre)viver com dignidade.

Submetidos a esse processo de reeducação e inúmeros imprevistos em razão da pandemia da Covid-19 e seus desdobramentos, temos convivido com perdas ou doenças de pessoas próximas, vetores de força que defendem, ou não, campanhas por vacinação em massa, vetores de força que defendem, ou não, a adequação às medidas de segurança que evitem a contaminação pelo vírus, luta por atendimento médico e hospitalar de qualidade e para todos, isolamento social atrelado à busca por satisfação de nossas necessidades básicas tais como alimentação, informações fidedignas, entretenimento, trabalho, educação, interação com a família e amigos, lida com aplicativos e outros meios digitais para pedir comida, fazer compras, ouvir música, ver filmes, vídeos, *lives*, eventos, fazer reuniões ou participar delas, ministrar ou participar de aulas, de grupos de estudos, visitar família e amigos, e por aí vai.

Por meio das telas de computadores e celulares, recorrendo a aplicativos nas nossas práticas culturais mais diversas, temos procurado formas de manter minimamente atendidas as nossas necessidades de convivência e interação social e, principalmente, de sobrevivência. Estamos assim vendo e adotando os contornos e reconfigurações de modos de interação que exigem resiliência, uma vez que são outros contratos, por assim dizer, que vêm sendo escritos para a manutenção das práticas escolares, acadêmicas, políticas e socioculturais mais amplas. A própria noção/conceito de fronteira adquire contornos cada vez mais fluidos e as desigualdades sociais ficam ainda mais evidenciadas. Conceitos orientam e nos auxiliam a organizar nossos pensamentos, como já disse alhures, mas são ferramentas importantes que compõem as lutas metadiscursivas no complexo conjunto de fatores que configuram as metapragmáticas da língua (SIGNORINI, 2008).

E assim a distinção centro periferia perde mais ainda o sentido que tinha nas formas iniciais de colonialismo e colonialidade do poder (MIGNOLO, 2003; CORREA, 2017b, 2019). No passado, a diferença colonial situava-se distante do centro. Hoje emerge em toda parte, na periferia dos centros e nos centros da periferia (MIGNOLO, 2003). Projetos locais e globais confrontam-se em outros parâmetros menos espaciais e mais temporais, recriando cenários, desconstruindo, reconstruindo e, às vezes, destruindo a atmosfera constitutiva dos seres humanos em sua relação com o universo. As práticas identitárias constroem, então, redes interacionais locais e globais, reconfigurando

fronteiras de grupos e, para isso, pluralizando as práticas linguísticas — um plurilinguajamento constitutivo, como aponta Mignolo (2003).

Nesse atual e turbulento contexto de interação sociopolítica e histórica, eu proponho atualizar o relato acerca do trabalho acadêmico integrado que venho realizando. Para tanto, destaco a visão crítica da linguagem e o papel do intelectual crítico apresentado em entrevista de Silva (2014) a Jacob Mey conforme já tratei em Correa (2017b, 2019), retomando que não vejo na comunidade acadêmica a função de protagonizar mudanças sociais, nem estrutura para ser agente direto dessas mudanças. Entretanto, o sujeito acadêmico pode ser agente nos termos propostos por Duranti (2004) e buscar epistemologias e metodologias que venham ao encontro dos anseios da sociedade mais ampla. Exemplos recentes do papel da ciência para o bem-estar da sociedade não nos faltam. Assim, para que seja crítico e agencie suas escolhas de trabalho, o sujeito acadêmico, não sendo somente reproduzidor, consagrador e sofisticador de métodos já consagrados, pode ser efetivamente crítico, ou numa linguagem mais direta, conforme utilizada por Rajagopalan (2014), desconfiado em relação ao que está posto, conclusivo. Assim, precisa se dispor a dialogar horizontalmente com outras epistemologias, saberes não legitimados, experiências sociais que também produzem conhecimentos.

Retomando o panorama no qual vivemos atualmente, para falarmos de visão crítica, precisamos ter cuidado principalmente em razão dos contextos de polarização sobre os quais nós vivemos, em que os conceitos, principalmente de binarismo, a visão binária, que já trouxe em Correa (2019), precisam de revisão. Como já dito, a própria noção de conceito, a fluidez e o papel deles nessa circulação de textos e o modo como os atos de fala reiterados vão reiterando essas visões dicotômicas é uma força retroalimentadora dessas ideias e, uma vez polarizadas, altamente limitadoras do entendimento ou da ampliação do entendimento acerca dos contextos nos quais vivemos.

É nessa perspectiva, de entender melhor o que significa autointitular-se um cidadão crítico, que eu trago a discussão dentro da área dos estudos da linguagem sobre Linguística Aplicada. Em seguida, retomo a importância da extensão universitária como ponte entre a sociedade e a universidade, preferencialmente nessa ordem, uma vez que a ideia de complementaridade entre conhecimentos torna-se mais viável se a troca de saberes considerar os oriundos da sociedade como forma institucionalizada não só de

aproximação dos espaços acadêmicos, mas também de garantia da presença da sociedade em atividades de pesquisa e de ensino, como seus saberes, suas necessidades e aspirações.

A partir de uma reflexão sobre o LET, na visão de idealizadora do Programa de extensão há 14 anos e depois de coordenadora por 10 anos e atualmente como participante em algumas ações, constato a necessidade de se incentivar estudos integrados transdisciplinares em práticas acadêmicas como formas efetivas de intervenção social por meio de trabalhos que se situam concomitantemente nos eixos da pesquisa, da extensão e do ensino.

## **2 Fundamentação teórica: sobre a trajetória do construto**

Ariano Suassuna, grande representante e defensor da literatura e da cultura brasileira, em uma palestra ministrada na 1ª Conferência Nacional de Desenvolvimento Regional, em Brasília, no dia 20 de março de 2013, reclamou a presença da cultura local nas universidades do país a partir de uma observação que fez em uma segunda palestra ministrada em ocasião anterior para público acadêmico. O escritor usou as seguintes palavras para expressar e lamentar essa lacuna que observou: “A universidade brasileira ensina de costas para o país e para o povo. Eles todos já ouviram falar em Kant, mas não em Matias Aires, o maior pensador de língua portuguesa do século 18. A gente não dá importância a um pensador da qualidade de Matias Aires”.<sup>1</sup>

Por outro lado, nos últimos anos, professores pesquisadores, extensionistas e a sociedade têm tido a oportunidade de ver estudantes de classes sociais menos favorecidas ingressarem em universidades públicas. Esses alunos são inseridos na comunidade acadêmica não só em cursos com menos concorrência no vestibular, mas também em cursos considerados elitizados e saem como formandos, concluintes dos cursos escolhidos e não mais como egressos evadidos. Embora muitas vezes as práticas acadêmicas excludentes oriundas de contextos de colonialidade permaneçam incólumes, as dificuldades para a permanência e as condições de realização dos cursos estão mais atendidas, de modo que recebem mais apoio do ponto de vista institucional.

---

<sup>1</sup><https://hi-in.facebook.com/MovimentoArmorial/videos/ariano-suassuna-na-1%C2%AA-confer%C3%AAncia-nacional-de-desenvolvimento-regional/840560122997344/>. Acesso em 19 jun. 2021.

Para além da vivência que observo nas práticas acadêmicas cotidianas, entre as quais eu destaco o trabalho do “Coletivo de estudos e ações indígenas (CEAI)<sup>2</sup>” e do “Viva a Palavra”, em matéria recente<sup>3</sup>, encontramos vários depoimentos de mulheres indígenas cearenses que são emblemáticos e exemplificam a importância de se ampliar espaços para práticas acadêmicas voltadas para a cultura e a sociedade que as alimenta. São mulheres indígenas de várias etnias que ocupam espaços acadêmicos, em níveis de graduação e pós-graduação, como espaços de resistência, ferramentas de luta, e invertem a produção de saberes, escrevendo as próprias histórias com o desejo de retornar às suas aldeias para agregar saberes. Raquel da Silva é graduada em Serviço Social. As pesquisas da acadêmica indígena são sobre a liderança das mulheres Jenipapo, da Aldeia Lagoa Encantada, e, no trabalho final da graduação, ela escreveu sobre “Mulheres da Encantada: Protagonismo Feminino, lutas e conquistas” junto ao movimento indígena no estado do Ceará. Ela ressalta em suas pesquisas que “esse ingresso é importante para descolonizar esse saber repassado nas universidades. Quando entramos, podemos colocar especificidades que pessoas não-indígenas não possuem”.

São registros de avanços significativos, considerando, por exemplo, o relato de Dona Jacira Lopes de Oliveira, escritora e artesã que desenvolveu várias habilidades como bordar, tecer, plantar, entre outras porque a escrita lhe foi negada desde o berço. Aprendeu a ler muito cedo, mas, quando os professores reconheceram nela essa facilidade, foi desencorajada a seguir com a escrita. “As pessoas brancas que estavam à frente das escolas achavam que isso era uma afronta, uma menina negra, que empunhava papel e caneta e fazia texto cheio de entendimento, eu fui castigada por isso, tive que sofrer calada”.<sup>4</sup> Em outro momento, ao relatar suas tentativas de inserção no mercado de trabalho, ela faz uma observação e depois uma constatação muito contundente e necessária.

Depois de toda esta lavagem cerebral eu ainda queria adentrar multinacionais hegemônicas contando apenas com a minha ingenuidade de menina prodígio que conhecia uma pessoa má pelo olhar.... Mas desconhecia que estrutura, ela

---

<sup>2</sup><https://sites.uepg.br/let/ceai/>

<sup>3</sup> <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/dias-melhores/mulheres-indigenas-constroem-resistencia-nas-universidades-e-devolvem-conhecimentos-as-aldeias-1.3104045>. Acesso em 04 jul. 2021.

<sup>4</sup> <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/dona-jacira-fala-sobre-o-amor-pela-escrita-e-sobre-sua-nova-coluna-no-uol/#page1>. Acesso em 16 mai. 2021.

---

não tem cara. O racismo estrutural tem tentáculos, são braços erguidos prontos pra atingir qualquer ser não branco que bambeie ao seu redor.<sup>5</sup>

Do ponto de vista da Linguística Aplicada, analisar, discutir e agregar elementos da diversidade auxilia a reconstruir continuamente as estruturas sociais em toda a sua complexidade. Lynn Mario de Souza, em entrevista recente com Homi Bhabha no canal<sup>6</sup> do *YouTube* da Associação de Linguística Aplicada do Brasil, ALAB, esclarece que os trabalhos da associação são muito inspirados em Paulo Freire, de modo que a linguagem e a educação linguística são focadas na diversidade e educação, de forma a ganhar mais consciência. Trata-se de um acompanhamento acadêmico para a produção de saberes na vida contemporânea e no atual cenário sócio-histórico, cultural, político real e necessário, que aproxima sobremaneira a universidade, como instituição reguladora do conhecimento acadêmico, das necessidades da sociedade, e esta interação é seminal atualmente.

Para pensarmos sobre práticas acadêmicas integradas e centradas na linguagem como ação social e também sobre pesquisas como ação e produção de saberes acerca da vida social contemporânea, Pennycook (2006) defende uma linguística transgressiva, na qual a pesquisa, além de estabelecer diálogos e interfaces, invertendo e cruzando fronteiras, chegue a transgredir as demarcações disciplinares tradicionais e o modo de fazer ciência positivista, possibilitando a construção de uma nova agenda de pesquisa que contemple práticas engajadas e problematizadoras.

Signorini (2015) esclarece que o campo aplicado dos estudos da língua(gem) não tem se circunscrito a um campo disciplinar específico dentro dos estudos linguísticos, comumente compreendidos e institucionalmente afixados como estudos em teoria linguística (teoria da gramática, do texto e do discurso), seja ela de base empírico-experimental ou não, seja ela "aplicável", ou não. Sendo assim, não é um campo disciplinar em sentido estrito, ou seja, não constitui uma disciplina específica. É antes um campo inter e/ou transdisciplinar, cuja principal característica é a de estar sempre em processo de reconfiguração, tanto pelas ações dos que nele atuam, quanto pela metarreflexividade que caracteriza grande parte dessas ações, como no caso da pesquisa filiada à Linguística Aplicada inter/transdisciplinar e crítica, que reúne frentes de atuação e reflexão sobre a língua(gem) em uso nas práticas sociais, sobre teorização e política

---

<sup>5</sup> <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/cafe-com-dona-jacira/2021/05/23/ciclos-de-reza-e-demandas-que-vem-e-vao.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em 16 jun. 2021.

<sup>6</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=ExBfigM2\\_ec](https://www.youtube.com/watch?v=ExBfigM2_ec). Acesso em 2 mai. 2021.



linguística, e sobre o impacto de tudo isso nessas mesmas práticas, inclusive as acadêmicas.

No construto das estruturas sociais que configura os quadros de referência (CORREA, 2019), encontram-se muitos fatores que ora vão de encontro uns aos outros, ora transitam desorientados, destruindo entendimentos de subjetividades que poderiam ser reconstruídos ou restituídos.

Signorini (2008) focaliza estruturas e processos socioculturais de natureza linguístico-discursiva e político-ideológica que adquirem, direta ou indiretamente, explícita ou implicitamente, a função metapragmática (SILVERSTEIN, 1993; MEY, 2001), que na interação social é a função tanto de descrever e avaliar quanto de condicionar e orientar os usos da língua na oralidade e escrita. Nos discursos oficiais, científicos e de senso comum e também nas ideologias linguísticas, a função metapragmática é codificada em nível denotativo nas/pelas estruturas referenciais e predicativas, o que assegura maior grau de explicitação e, como nos casos dos discursos oficiais e científicos, maior visibilidade. Nesses discursos, estão articuladas as ideologias linguísticas, de papel relevante nas instituições de mecanismos sociais de regulamentação, controle e valoração de acesso, produção, consumo e circulação dos recursos linguístico-discursivos (SILVERSTEIN, 1993; SIGNORINI, 2008).

Outro ponto fundamental sobre o qual tenho insistido em meus trabalhos porque está muito relacionado à compreensão do ser crítico ou autointitular-se crítico é a distinção que Rodriguez (2017) faz entre políticas de decolonialidade e ato de descolonizar, enfatizando a pretensão de querer livrar-se de práticas coloniais, sob o comando daqueles entes que, em realidade, operam totalmente submetidos a essas práticas.

### **3 Sobre o Laboratório de estudos do texto e possibilidades metodológicas**

Para falar do Laboratório de estudos do texto desde o momento da idealização dele, o nome não ajuda a dimensionar os objetivos da concepção do Programa de extensão. Com efeito, conforme já publicado em várias ocasiões (CORREA, 2017a, 2017b, 2018a,

2018b, 2019, 2021, no prelo; CORREA *et al.* 2019; CORREA, PRADO, 2021), no momento da sua criação, o laboratório foi pensado para propor atividades de leitura, escrita, análise e discussão de textos dos mais diversos gêneros, congregando ações de extensão direcionadas para oferta de cursos e minicursos; projetos de pesquisa integrados à extensão e ao ensino; projetos voltados à formação inicial e continuada de professores; trabalhos de leitura e de escrita voltados a demandas de estratos sociais marginalizados para os quais essas atividades fossem relevantes e, por fim, estudos voltados às necessidades de melhoria da educação básica.

Retomando o histórico que motivou a criação do Laboratório de estudos do texto, ele nasceu do sonho e da necessidade de se criar um espaço de interação entre a graduação e a pós-graduação, em atividades integradas com ponto de partida extensionista, em um momento em que ainda nem tínhamos a aprovação do projeto do Mestrado em Estudos da Linguagem na UEPG, mas tínhamos um grupo de professores pesquisadores muito produtivos, cujos trabalhos acadêmicos eram comprometidos com a educação básica. O LET foi aprovado na UEPG no final de 2007 como Programa de Extensão (Resolução CEPE N.º 217, de 13/12/2007) e o PPGEL, três anos depois, em 2010. Tais ações foram também geradas predominantemente para oferta de práticas de escrita, razão pela qual o laboratório traz a palavra “texto” no título.

Quando recém-aberto, catorze anos atrás, técnicos, acadêmicos, professores e demais funcionários comemoraram porque queriam muito aprimorar as técnicas de leitura e de escrita. Os professores, especificamente, achavam, e muitos ainda acham, que os cursos ofertados resolveriam definitivamente os problemas de domínio da gramática normativa e do letramento acadêmico. Com o tempo, fui entendendo melhor que a expectativa da maioria dos que se interessavam pela proposta era motivada por objetivos cujo enfoque era estrutural e que o LET tinha nascido para ser espaço de um trabalho mais amplo com o texto. Rajagopalan (2010, p. 15) chama essa visão de “constatividade como resultado da sacralização do texto”. Sobre a crença na estabilidade do significado, ele ressalta que

A sacralização ocorre justamente quando consideramos o texto como sendo à prova de qualquer nova interpretação. Costumamos criticar os fanáticos religiosos que proíbem qualquer forma de interpretar os textos convencionalmente entendidos como sagrados (...). Somos unânimes em levantar a bandeira da liberdade de expressão nessas ocasiões e em pleitear o direito democrático de interpretar quaisquer textos e trazê-los à nossa realidade

atual. Mas raramente paramos para pensar que, enquanto professores aficionados por determinadas teorias e determinados autores, fazemos exatamente o que criticamos nos outros, ao desencorajar nossos alunos a ler os textos *sagrados* da nossa bibliografia com novos olhares. (RAJAGOPALAN, 2010, p. 16 – grifo do autor)

Conforme discuti em momentos anteriores (CORREA, 2009, 2011, 2014, 2017b) com base em Britto (2008), os modos de representação, de organização e de estruturação social resultam de um processo que se fez historicamente com base na língua escrita, o que constituiu um pensar escrito. Poder ler e escrever, interagir com os textos escritos e com os conhecimentos e informações que se veiculam desta forma são práticas letradas vistas como condição essencial de participação social e estão abalizadas por hegemonias que reconstruem o (des)entendimento sobre língua. Da mesma forma, vemos que atos de fala reiterados compõem as hegemonias sobre língua trazidas por Pinto (2012, 2014), as contradições que, de um lado, mantêm e sustentam essas hegemonias sobre a unidade linguística, a preponderância da escrita em detrimento da fala e a correspondência linear entre língua, escrita e cognição. De outro lado, reconhece-se que essas hegemonias não condizem com as mudanças do mundo moderno, principalmente se levamos em conta os modos de interação preponderantes em tempos de pandemia e isolamento social.

Não obstante os objetivos já traçassem um panorama mais amplo de ações, talvez eu também vislumbrasse naquele momento que a produção, leitura e análise de textos, principalmente os acadêmicos, seriam o carro-chefe do programa de extensão e que a história da consolidação do laboratório seria nessa direção. Naquele estágio de desenvolvimento acadêmico e intelectual em que eu estava, que se iniciou no mestrado nos caminhos da linguística textual, com descrição e análise de elementos de textualidade em textos produzidos por alunos das séries finais do ensino fundamental com base em temas de vestibular e passou posteriormente para os estudos do discurso, era até onde minha compreensão da proposta conseguia chegar.

Nos primeiros anos, avançamos um pouco mais na compreensão das metapragmáticas de uso da linguagem escrita, para retomar os termos de Signorini. Desse modo, o LET passa a ser inspirado e iniciado em abordagens integracionistas de linguagem (HARRIS, 1995, 2000; CORREA, 2011). A proposta integracionista em conexão com as práticas sociais de escrita é perpassada pelo interesse por questões políticas, sociais, legais, psicológicas e filosóficas e, por sua vez, com as implicações desses assuntos relacionados a abordagens de linguagem e comunicação. O

integracionismo não se preocupa apenas com questões críticas e culturais sobre a linguagem, mas com nossa consciência e responsabilidade social, se preocupa com a nossa participação como teóricos na vida política e social (ALENCAR, 2005, 2009).

Como participante da linha de pesquisa “Linguagem e sociedade: abordagens pragmáticas”, passei a entender melhor que todas as lacunas oriundas de minha percepção sobre o significado das coisas assim se configuravam porque eu não conseguia estabelecer recortes estáticos, os contextos que eu construía não eram fixos nem estáveis.

Reconhecer a complexidade e o dinamismo dos múltiplos sistemas de signos envolvidos nas atividades de significação, que constroem espaços comunicativos de modos específicos, ajuda-nos a nos mover de acepções estáticas de contexto para a concepção deste como uma práxis reflexiva, isto é, uma atividade metapragmática constante, não restrita ao que acontece em situações de comunicação e encontros sociais específicos. (FABRÍCIO, 2014, p. 150)

E assim cheguei aos estudos que defendem que discursos e práticas são performativos, ou seja, são atos de fala repetidos que produzem efeitos que constroem o que alegam descrever (PINTO, 2012, 2014; AUSTIN, 1976; BUTLER, 1997, 1993; DERRIDA, 1990). Isto significa afirmar que, quando falamos sobre como as coisas no mundo são ou como os eventos aconteceram, o que fazemos não é simplesmente descrever coisas ou eventos, mas produzir efeitos que constroem o que alegamos descrever. Além disso, o que falamos está submetido àquilo que Austin (1976) chamou de “circunstâncias apropriadas”, sendo, portanto, ritualizado — isto é, dependente de contextos prévios de realização da fala.

No desafio de entender melhor esses contextos prévios como atividade metapragmática, volto à discussão do papel do LET. Os limites teóricos e metodológicos disciplinares não cabem na agenda do programa. Como guarda-chuva que abriga projetos, cursos, eventos, grupos de estudos, o espaço, ao longo desses anos de trabalho, já tem história consolidada e identidade própria. E, no caminho que ele segue, as práticas diversas de escrita e outros modos de interação tendem a ganhar cada vez mais espaço, de modo que reúna cada vez mais professores, pesquisadores e extensionistas em formação inicial e continuada interessados em dialogar com a educação básica. Em outras palavras, tornou-se espaço de produção de escritas periféricas que, aos poucos, vão ganhando protagonismo.

Por outro lado, os laboratórios de letramento acadêmico têm feito um bom trabalho no sentido de reunir as instituições do país que têm disponíveis esses espaços ou estão criando os seus. No estado do Paraná, o LILA<sup>7</sup> — Laboratório Integrado de Letramentos Acadêmico-científicos — é um projeto colaborativo e interinstitucional que tem como objetivo principal conceber e ofertar ações em prol dos letramentos acadêmico-científicos para as comunidades interna e externas das instituições envolvidas. Para além das instituições paranaenses, há vários laboratórios de letramento acadêmico distribuídos no país que têm trabalhado no sentido de promover essa organização conjuntamente.

Com efeito, o LET não foge a este objetivo. Entretanto, reitero que as atividades de leitura e escrita vão além das acadêmicas para poder alcançar a sociedade mais ampla em ações extensionistas integradas às de pesquisa e ensino. Recentemente, esta função social do laboratório e dos Programas de extensão foi destacada no e-book comemorativo dos 10 anos do PPGEL. No texto “Breve memória dos dez anos do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem” escrito por Eunice de Moraes, Ione Jovino, Jhony Adelio Skeika, Letícia Fraga, Ligia de Paula Couto e Silvana Oliveira:

Algo que é fundamental para o PPGEL e ocorre em conjunto com todas as ações que os(as) docentes e discentes desenvolvem, são os Programas de Extensão. Conforme fala de professora Letícia Fraga, “Os Programas de Extensão existem sem o Mestrado. Mas o Mestrado não existe sem os Programas”. Ou seja, os Programas de Extensão vinculados ao PPGEL são essenciais para a articulação ensino, extensão e pesquisa entre a graduação e pós-graduação. Esses dois eixos são elementos pontuados pela CAPES, isto é, a CAPES há bastante tempo orienta para que a pós-graduação se articule com a graduação e que a pós-graduação tenha impacto social no Brasil. Nesta perspectiva, nossos três Programas de Extensão, o Laboratório de Estudos do Texto (LET), Núcleo de Relações étnicorraciais, Gênero e Sexualidade (NUREGS) e Núcleo de Assessoria Pedagógica (NAP) são fundamentais para movimentar o PPGEL na articulação com a graduação e gerar impacto social.

É nessa perspectiva que os trabalhos do LET vêm sendo realizados, encarando o desafio de não tornar o texto acadêmico uma ferramenta de exclusão, para retomar os tentáculos das estruturas sociais. Portanto, não se trata de enquadrar pessoas em normas do bem falar e do bem escrever, notadamente, o bem falar acadêmico e o bem escrever acadêmico. É refletir sobre o porquê de termos que dominar tais práticas hegemônicas e, se nos dispomos a fazê-lo, fazer sem vitimismo, com consciência do porquê desse domínio, como parte das estratégias de planejamento e hegemonia da norma que exclui

---

<sup>7</sup> <https://sites.google.com/view/lilaparana/quem-somos>. Acesso em 24 jun. 2021.

os que não a dominam. Por essa razão, não se trata de evitar conhecer e dominar, fugir desses saberes. Trata-se de dominar e transitar pelos gêneros para saber a que eles vêm e assim poder enfrentar melhor os mecanismos sociais de regulação de tais práticas, notadamente as grafocêntricas.

Concluindo assim que as práticas de linguagem no LET se consolidaram em torno do objetivo geral de utilizar o texto em atividades de leitura e escrita para desenvolver trabalhos extensionistas que se sustentam em procedimentos metodológicos, configurados como atividades de ensino e/ou pesquisa, no sentido de buscar maior incentivo tanto da universidade quanto das instâncias superiores que podem apoiar a criação de estruturas orgânicas mais horizontais e assim diminuir as assimetrias das condições de trabalho, é preciso considerar que as práticas acadêmicas integradas não contam com uma estrutura organizacional que ofereça melhores condições de trabalho, desde recursos humanos, estrutura financeira, espaço físico até visibilidade acadêmica. É preciso considerar também que, embora os Programas de extensão sejam muito produtivos e não deixem de cumprir suas funções e objetivos mediante os obstáculos encontrados, chegamos a um estágio de trabalho em que precisamos efetivamente unir as propostas de ação para nos organizarmos como coletivos que têm histórico de trabalho e precisam de apoio para continuar e expandir os trabalhos e assim pleitear essas condições de trabalho.

#### **4 Considerações finais**

No conjunto de fatores que estão criando a atmosfera contemporânea, as lutas metadiscursivas e o (des)entendimento dos indivíduos com base nas disputas de natureza política e ideológica têm ganhado novos espaços. São posicionamentos divergentes que agenciam estruturas e redes sociais de poder num plurilinguajamento constitutivo que exige visão crítica, no sentido de não se satisfazer com as informações tal qual nos chegam, é preciso considerar sempre a tendência à sacralização.

Um exemplo inquestionável é o racismo estrutural, delgado e flexível, que o depoimento de dona Jacira nos traz. Ele tem “tentáculos” que não se movimentam somente na verticalidade. São horizontais também, braços sutis, pluridimensionais, que se levantam uns contra os outros. São agenciamentos que passam pelo (des)entendimento

de que os atos de fala produzem efeitos. São vetores de força que tensionam ainda mais as práticas de colonialidade, opacizando-as.

Compreender que tais estruturas são estratégias metadiscursivas que se reconstruem no dinamismo das falas e ações cotidianas é um grande passo para que essa horizontalidade promova a complementaridade entre saberes e dessa interação possam vir maiores intervenções das estruturas sociais, nas oficiais e nas acadêmicas.

Nesse sentido, é recomendável que os agenciamentos, no sentido da decolonização sejam abalizados pela transdisciplinaridade, de modo que vivências, saberes e conhecimento acadêmico e científico sejam complementares. Conforme vimos nos depoimentos apresentados neste texto, a universidade não é porta-voz da sociedade. Ela deve ser o espaço de inclusão de outras vozes à da comunidade científica. Assim, nas práticas acadêmicas, a universidade se torna a sala de debates, onde todas e todos podem falar, ouvir e, principalmente, ter sua voz considerada não só nesses espaços acadêmicos mas também para além deles. É nesse sentido que os agenciamentos acadêmicos podem se inserir em escala maior. A Linguística Aplicada tem dado bons exemplos nesse sentido e os estudos e trabalhos integrados são hoje um caminho muito produtivo nessa empreitada.

## **Referências**

- ALENCAR, C. N. **Linguagem e Medo da Morte**: uma Introdução à Linguística Integracionista. Fortaleza: Editora da UECE, 2009.
- ALENCAR, C. N. **Searle Interpretando Austin**: a Retórica do “Medo da Morte” nos Estudos da Linguagem. 2005. 285p. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1976.
- BAUMAN, Z. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução Carlos Alberto Medeiros. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BRITTO, L. P. L. Educação linguística escolar: para além das obviedades. In: CORREA, D. A.; SALEH, P. B. O. (org.). **Estudos da linguagem e currículo de Letras: diálogos (im)possíveis**. Ponta Grossa: EDUEPG, 2008.

BUTLER, J. **Excitable Speech**. A Politics of the Performatives. New York: Routledge, 1997.

CORREA, D. A. Aspects of writing and identity. **Language Sciences** (Oxford), v. 33, p. 667-671, 2011.

CORREA, D. A. Ditos e feitos do/no LET: Preâmbulo. *In*: CORREA, D. A. (org.). **Saberes integrados: sociedade e universidade**. Ponta Grossa: Container edições, Edições Muitas Vozes, 2018a. p. 03-07.

CORREA, D. A. Entre hegemonias, saberes subalternos e possibilidades epistemológicas: discussões iniciais. **L&S - Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 18, p. 219-235, 2017a.

CORREA, D. A. Formação inicial de professores de língua: Conexões do LET com abordagens curriculares. *In*: CORREA, D. A. (org.). **Saberes integrados: sociedade e universidade**. Ponta Grossa: Container edições, Edições Muitas Vozes, 2018b. p. 127-137.

CORREA, D. A.; FRAGA, L.; COUTO, L. P.; BRAGA, L. A. **Contra-hegemonia na universidade do século XXI: 10 anos do LET**. *In*: CORREA, D. A.; FRAGA, L.; COUTO, L. P.; BRAGA, L. A. **O sujeito acadêmico: descolonização do conhecimento?** 1ed. Campinas: Pontes, 2019, p. 7-24.

CORREA, D. A. Integração entre Práticas Culturais e Acadêmicas: Politização de Afazeres. *In*: ALENCAR, C. N.; FERREIRA, D. M. M.; RAJAGOPALAN, K. (org.). **Interstícios entre linguagem e cultura**. No prelo.

CORREA, D. A. Práticas linguísticas e ensino de língua: variáveis políticas. *In*: CORREA, D. A. (org.). **Política linguística e ensino de língua**. Campinas: Pontes, 2014. p. 21-37.

CORREA, D. A. Política linguística e ensino de língua. **Calidoscópio** (UNISINOS), v. 07, p. 69-75, 2009.

CORREA, D. A.; PRADO, S. A. C. Language policy and language teaching: conditions of adaptability. *In*: SILVA, D.; MEY, J. (org.). **The Pragmatics of Adaptability**. 1ed. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2021. p. 325-342.

CORREA, D. A. Sobre o protagonismo na linguagem escrita e novos modos de interação. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 17, p. 641-661, 2017b.

CORREA, D. A. Vulnerabilidade social, desafios epistêmicos e conhecimentos rivais: por diálogos mais horizontais. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, v. 58, n.1, p. 1-18, jan./abr. 2019.

DERRIDA, J. **Limited Inc**. Paris: Galilée, 1990.



DURANTI, A. Agency in language. *In*: DURANTI, A. (ed.). **A companion to linguistic anthropology**. Massachusetts: Blackwell Publishing, 2004. p. 451-473.

FABRÍCIO, B. Transcontextos educacionais: gêneros e sexualidades em trajetórias de socialização na escola. *In*: SILVA, D. *et al.* (org.). **Nova pragmática: modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014. p. 145-189.

HARRIS, R., **Rethinking Writing**. Continuum International Publishing Group, London and New York, 2000.

HARRIS, R. **Signs of Writing**. Routledge, London and New York, 1995.

MEY, J. L. **Pragmática: uma introdução**. Oxford: Blackwell, 2001.

MIGNOLO, W. D. **Histórias locais/projetos globais – colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Tradução Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. *In*: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 67-84.

PINTO, J. P. Hegemonias, contradições e desafios em discursos sobre língua no Brasil. *In*: CORREA, D. A. (org.). **Política linguística e ensino de língua**. Campinas: Pontes, 2014. p. 59-72.

PINTO, J. P. Modernidade e diferença colonial nos discursos hegemônicos sobre língua no Brasil. *Muitas Vozes*, Ponta Grossa, v. 1, p. 171-180, 2012.

RAJAGOPALAN, K. A pesquisa política e socialmente compromissada em pragmática. *In*: SILVA, D. N.; FERREIRA, D. M. M.; ALENCAR, C. N. (org.). **Nova pragmática: modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014. p. 101-128.

RAJAGOPALAN, K. **Nova Pragmática: fases e feições de um fazer**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

RODRÍGUEZ, C. O. Como a Academia se vale da pobreza, da opressão e da dor para sua masturbação intelectual. **Portal Geledés**. 26 abr. 2017 Disponível em: <https://www.geledes.org.br/como-academia-sevale-da-pobreza-da-opressao-e-da-dor-para-sua-masturbacao-intelectual/>. Acesso em: 30 jun. 2021.

SIGNORINI, I. Epistemologias da pesquisa no campo aplicado dos estudos da língua(gem) Apresentação. **DELTA**. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 31, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/yVRF5sTGPPWyZxwq8bjc8dB/?lang=pt>. Acesso em 10 jun. 2021

SIGNORINI, I. Metapragmáticas da língua em uso: unidades e níveis de análise. *In: Situar a linguagem*. São Paulo: Parábola, 2008. p. 117-147.

SILVA, D. N. Pragmática, sociedade (e a alma), uma entrevista com Jacob Mey. *Delta*, 30.1, p. 161-179, 2014.

SILVERSTEIN, M. Metapragmatic discourse and metapragmatic function. *In: LUCY, J. A. (ed.). Reflexive language: reported speech and metapragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 33-58.

Recebido em: 12 de julho de 2021

Aceito em: 20 de outubro de 2021

Publicado em novembro de 2021